

A relação entre a paisagem ideal e a representação social no *Decameron* de Boccaccio

Gleiciane Machado Bispo¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo estudar a relação entre a paisagem ideal e a sociedade representada no livro *Decameron* (2013), para entendermos a composição do *locus amoenus* em Boccaccio; entenderemos primeiramente a configuração da sociedade italiana e os processos de transformações religiosas, políticas e culturais sofridas por ela e que foram apresentadas na obra de forma extraordinária pelo escritor italiano.

Palavras-chave: *Decameron*, locus amoenus, locus horrendus, espaço.

Abstract: In order to understand the composition of the locus amoenus in Boccaccio, we will first understand the configuration of the Italian society and the processes of religious, political and cultural transformation undergone by it and which were presented in the work in an extraordinary way by the Italian writer.

Keywords: *Decameron*, locus amoenus, horrendus locus, space.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT Campus Pontes e Lacerda – MT.

I

A obra *Decameron*, escrita em 1348 por Giovanni Boccaccio, em *volgare*, é composta por cem novelas que estão distribuídas em dez jornadas novelescas. As personagens centrais são sete moças e três rapazes, que, ao se verem abandonados pela família, sociedade, estado e igreja no momento em que a peste negra invade Florença, decidem fugir para as cercanias da cidade, para as montanhas de Fiésole, onde haveria as condições necessárias para uma vida digna e tranquila dentro dos padrões sociais, morais e religiosos que as personagens pertencem.

As novelas que serão narradas durante a estadia contêm acontecimentos que envolvem desencontros, amores, morte, superação, etc. Tomaremos como objeto para análise a fuga das personagens da peste negra para Fiésole, por residir nesse aspecto o contraste entre o *locus amoenus e locus horrendus*, sendo esse segundo instaurado pela epidemia da peste negra.²

As personagens descritas no *Decameron* pertencem à aristocracia Florentina que está ligada à civilidade e ao refinamento. AUERBACH (2013) afirma que o que mantém a união deste grupo é a força social, e sua formação cultural foi a única que resistiu no momento que todas as outras bases em que a sociedade florentina estava firmada desmoronaram.

A obra foi criada em um período de transição da Idade Média para o Renascimento. Este momento de mudanças políticas e culturais impulsiona a transformação do modo como a sociedade enxerga o mundo em todos os âmbitos. Uma das correntes culturais que estão ligadas ao período do Renascimento é o Humanismo, que foi um movimento importante, que visou trazer novamente à luz, relendo-os, paradigmas que fundamentaram a Antiguidade Clássica.

Na Itália, o Feudalismo entra em declínio, e o Capitalismo Mercantil passa a imperar. Esta mudança colabora para o nascimento de uma nova cultura, já prenunciada por Dante, e ainda no século XIV, representada por Petrarca, Boccaccio e pelo pintor Giotto. (SARAIVA, s/d. p.39). Apesar de a Itália passar por essa mudança precocemente, a Europa, em sua maioria, ainda não estava preparada para sofrer um processo de transformação tão intenso.

Em meados do século XVI, o Humanismo avança para o restante da Europa e enfrenta a resistência imposta principalmente pelas universidades de Teologia. Ainda que as

² Peste negra é o nome pela qual ficou conhecida, durante a Baixa Idade Média, a pandemia de peste bubônica que assolou a Europa durante o século XIV e dizimou entre 25 e 75 milhões de pessoas (mais ou menos um terço da população europeia), sendo que alguns pesquisadores acreditam que o número mais próximo da realidade é de 75 milhões, aproximadamente metade da população da época.

A relação entre a paisagem ideal e a representação social no *Decameron* de Boccaccio

dificuldades fossem muitas, o Humanismo foi difundido de forma que conseguiu adentrar os ambientes universitários.

Segundo Saraiva (s/d), os humanistas combatiam a ideologia cristã que visava a junção das visões platônicas e aristotélicas à fé com o objetivo de alcançar a definição de uma única verdade. Este método de pensamento é denominado de escolástica.

Alguns humanistas atacavam o ponto de vista do aristotelismo escolástico e muitos optaram por uma nova leitura do pensamento antigo, que dialogaria sem dificuldades com o Cristianismo.

Diante dessa atitude tomada pelos humanistas origina um novo tipo de aristocracia intelectual protegida pela exclusividade de saber algo que não estava acessível a todos e que exige habilidades intelectuais especiais.

Ainda nas considerações de Saraiva (s/d) os humanistas se esforçaram para originar um sistema religioso, moral e pedagógico que substituísse, em medidas iguais, o sistema feudal, no entanto, não conseguiram sintetizar a ciência da antiguidade com a praticidade da nova sociedade.

O início dessa percepção de mundo tem como resultado a Renascença. Sendo esta definida por Phélippeau (2013) como a laicização imperceptível da sociedade que lança um novo olhar sobre o mundo, e, ao mesmo tempo, deixa o encantamento em um lugar secundário. A Idade Média tinha como meio de controle justamente este encanto, isto é, os indivíduos que pertenciam a este período da história, atribuíam todos os acontecimentos mundanos às leis divinas. E os que participaram dessa abertura do mundo se encontravam numa posição social ou intelectual que os permitia contemplar as transformações que o mundo experimentava.

A verdade instituída pela Igreja passou a ser questionada e fez com que ela perdesse, gradualmente, sua autoridade e, paralelamente, isso deu espaço para que o indivíduo se libertasse e tivesse suas próprias convicções. A Antiguidade foi observada de maneira diferente pelos estudiosos que, sobre a base da antiga civilização, conceberam um novo modo viver. Essa concepção deslumbrou admiradores das belas letras que, em busca de fazer renascer as culturas antigas, recuperaram diversas obras do passado. Na esperança de reencontrar a essência cultural helênica, os humanistas se tornaram caçadores de textos greco-romanos antigos, prática que teve origem na Itália.

A partir do século XV na Itália, a erudição da Antiguidade greco-romana serviu de base cultural enquanto objetivo e idealização de existência e como elemento de um novo modo de pensar em relação aos fatos já existentes. Em uma época em que o sistema feudal

predominava na maioria dos países europeus, os italianos se libertaram quase que plenamente, liberdade ocasionada pelas disputas entre papas e uma dinastia de príncipes e imperadores. O país italiano era constituído por configurações políticas heterogêneas conhecidas como cidades-estado, principados, etc., que eram governados de acordo com as leis criadas pelos seus dirigentes.

II

Por isso, para não incidirmos, por renitência ou desleixo, naquilo de que podemos escapar de alguma maneira, desde que queiramos (não sei se as senhoras pensarão como eu), creio que seria ótimo se, tal como estamos, tal como muitos antes de nós fizeram e fazem, saíssemos desta cidade; e, fugindo como da morte aos exemplos indecorosos dos outros, fossemos decorosamente para as propriedades do campo que cada uma de nós tem em grande quantidade, e ali gozássemos da festa, da alegria e do prazer que pudéssemos, sem ultrapassar de modo algum os limites da razão. (BOCCACCIO, 2013, p. 35)

Diante da compreensão feita sobre alguns pontos do movimento humanístico, com a citação acima percebemos a influência de alguns princípios do Humanismo funcionando na obra. O fragmento pertence ao discurso da personagem Pampinéia, no qual observamos o início de uma nova concepção, visto que as personagens decidem enfrentar a ameaça da morte de maneira organizada e prazerosa. Ao contrário dos outros, fogem decentemente em busca de tranquilidade para conduzirem a vida de modo que se deleitem com prazeres e festas sempre respeitando as normas sociais. Assim decidiram viver até que a peste deixasse a cidade.

A cidade escolhida como ponto de partida para o *Decameron* é Florença, formada por uma sociedade que tem gravada em sua história o conceito da mais “elevada consciência política” e da “maior riqueza em modalidades de desenvolvimento humano” (Burckhardt, 1991, p. 71), que pode ser considerada como o primeiro Estado moderno do mundo. O estilo artístico e racional florentino proporciona incessantes transformações políticas e sociais, que dá à cidade o título de berço de preceitos políticos, experimentação e de grandes avanços que contribuíram para o crescimento da humanidade.

Florença representa plenamente a configuração do mundo moderno. E no momento em que a história universal sofre uma ruptura entre épocas, a cidade italiana compõe o cenário perfeito para o nascimento de um novo olhar sobre o modo de conceber os acontecimentos.

A relação entre a paisagem ideal e a representação social no *Decameron* de Boccaccio

Nessa instabilidade residia o espírito das dúvidas que o Renascimento produziu, dentre essas, a que mais atormentava os seres humanos era saber qual o destino dos homens após a morte.

No período da Idade Média o homem era entendido apenas como uma peça integrante do coletivo e estava condicionado a enxergar o mundo através de uma cortina de proteção estabelecida pela igreja. É primeiramente na Itália que o indivíduo é tratado pela sua individualidade e como um ser que consegue ter consciência de sua condição espiritual. Neste elevado desenvolvimento individual, o sujeito adquire características próprias, o que o diferencia e, com isso, deixa de fazer parte de um amontoado de um coletivo. É neste ambiente político, cultural e religioso, predisposto a mudanças constantes, que se encontram as personagens da narrativa.

III

Retomando a obra, o primeiro encontro entre as personagens se desenvolve em ambiente religioso, a igreja Santa Maria Novella, local em que temos a fala de Pampinéia que é a mentora da fuga, que em seu discurso comenta todos os acontecimentos relevantes que motivam a saída da cidade, pois a peste invadiu a cidade e destruiu todos os pontos de apoio (igreja, estado e família) e com o aumento da crise, as instituições mais importantes e suas regras foram anuladas, “as pessoas morrem em centenas, todas as instituições colapsam, os vínculos naturais se desfazem” (Auerbach, 2013, p. 25), o que faz com que restem apenas as características que foram cultivadas durante a vida.

Após a chegada a Fiésole, para que o grupo se mantivesse sempre em harmonia, elegeu-se para cada dia uma rainha ou um rei para tomar conta da rotina da casa em que estavam hospedados. Ao final do primeiro dia, sentaram-se em círculo e para não ficarem ociosos cada um contou uma novela sobre um tema livre, e ao fim da décima novela foi eleita uma nova rainha que decidiu que a cada dia seria escolhido um tema, para que cada um narrasse uma novela. Durante o dia eles podiam passear, descansar e divertirem.

A decisão de narrar histórias foi um modo que encontraram para agradar a todos ao mesmo tempo, pois se decidissem por jogos ou outras atividades, o grupo ficaria dividido e apenas uma das partes sairia satisfeita.

A arte de narrar é uma prática milenar, de origem oriental, transmitida por gerações. As narrativas fazem os ouvintes viajarem sem sair do lugar em que se encontram e elas não perdem a essência com o decorrer do tempo. Cada narração se desenvolve de uma forma diferente e produz efeitos diversos em seus interlocutores.

Nas considerações de Benjamin (1994), os narradores gostam de iniciar suas histórias com acontecimentos de suas próprias experiências de vida. As personagens narradoras das novelas boccaccianas buscam um meio de sobrevivência até que a situação de desolação se atenua. A fuga é a única alternativa para manterem-se vivas. Assim, ao chegar ao lugar agradável e distante, decidem narrar histórias, como já foi dito, um modo escolhido para que todos se sentissem satisfeitos e nesta sequência de narrações está também implícita a supervivência, isto é, enquanto as personagens narram, mantém vívida a essência do ato de narrar, destarte preservam suas próprias experiências, durante um período, em que a morte ameaça todos os tipos de vida.

É no momento em que o indivíduo se depara com a ameaça da morte, que sua sabedoria e suas experiências se tornam transmissíveis, o que faz com que a vida tenha sentido. Em outras palavras, o ato de narrar perpetua a existência humana através das histórias compostas de experiências que marcam o indivíduo durante sua passagem pela vida.

Percebemos no *Decameron* a necessidade de narrar para sobreviver com a seguinte passagem:

Não fazia muito tempo que soara a hora nona quando a rainha se levantou e fez todas as mulheres e os jovens levantar-se afirmando que é nocivo dormir demais durante o dia [...] Aqui é bom e fresco, e, como veem, há tabuleiros e peças de xadrez, podendo divertir-se com que lhe der mais prazer. Contudo, se nisso fosse acatada a minha opinião, não passaríamos esta parte quente jogando, pois no jogo o espírito de um dos jogadores perturba sem que haja prazer para o outro ou para que esteja assistindo, mas passaríamos contando histórias, de modo que um de nós pode dar prazer a todos os outros que o ouvem. (BOCCACCIO, 2013 p.40)

A partir da compreensão de que a narrativa tem em sua estrutura uma forma latente de utilidade, percebemos no discurso da personagem que o ato de narrar no momento em que eles se encontram é uma necessidade, pois apesar de estarem em um lugar aparentemente seguro, estão apenas uns em companhia dos outros e precisam manter vivas as lembranças e narram histórias para que a dignidade da vida seja mantida. A proposta de narrar histórias é aceita por todos, porque é um modo em que todos seriam agradados e também colaborariam em partes iguais, o que funciona como modo de estruturação do grupo.

O autor instala suas personagens em espaço ameno, numa estadia que dura quinze dias³. Nesse ínterim foram contadas cem novelas sobre diversos temas e cada um teve a oportunidade de estar na liderança do grupo.

As novelas de *Decameron* são baseadas nos acontecimentos cotidianos que Boccaccio consegue “filtrar” e transformá-los em histórias elegantes e muito bem elaboradas sem a presença de um fundo ostensivamente moralista. As novelas não são apenas transposições da realidade para a ficção, pois ao mesmo tempo em que adquirem fundamentos da realidade empírica, elas assumem também o *ethos* da forma de sociabilidade nobre e distinta.

Segundo Auerbach (2013), o princípio da obra é uma sociedade fechada, haja vista que, neste grupo de personagens, temos jovens que fazem parte de classes sociais elevadas, com os mesmos costumes e educação. Na obra percebemos que eles possuem o mesmo refinamento na linguagem. Contudo, é também possível perceber a formação de uma nova classe social, a burguesia e, mesmo não existindo diferenças entre as camadas sociais, percebe-se que existe a camada culta da sociedade.

É por isso que Auerbach (2013) nos afirma que Boccaccio deixa a caracterização e as relações de seus narradores em uma mútua zona de penumbra, por certo sabemos apenas que as personagens femininas pertencem à nobreza, “sendo todas sérias, de sangue nobre, formosas e dotadas de bons costumes e elevada a dignidade” (Boccaccio, 2013), mas não temos a definição da origem social das personagens masculinas pela a descrição; “sendo todos bastante agradáveis e de bons costumes” (Boccaccio, 2013).

IV

Nesta parte do trabalho, nosso objetivo é analisar o contraste observado entre as paisagens da obra, em que, inicialmente, temos a desolação da cidade de Florença e acontecimentos horríveis devido à invasão da peste negra, que deixa a sociedade abandonada e, em um segundo momento, a criação de dois espaços amoenos que recebem a “honesta brigada” de Boccaccio.

Compreendemos que a concepção de *locus amoenus* é uma expressão latina que designa paisagem ideal, que, primitivamente, na Antiguidade Clássica, era usada para descrever um ambiente em que predominavam a natureza e os seus elementos específicos de composição. Este conceito era usado frequentemente nas poesias pastoris, nas quais uma das

³ No *Decameron* (2013) a estadia das personagens durou 15 dias, porém as novelas foram contadas em 10 dias, porque alguns dias da semana eram respeitados pela religiosidade do grupo.

características fundamentais do bucolismo é a harmonia com a natureza e para que esta se concretize o estado de espírito do indivíduo também deve estar de igual forma.

Nas considerações de Curtius (1996), o *locus amoenus* primeiramente é um pequeno espaço da natureza composto por árvores, uma campina e uma fonte de água e com algumas variações, como pássaros, flores e uma leve brisa que eram também cenários para as poesias pastoris, mas que logo passou a exercer um papel importante na literatura e a configuração do espaço literário com os elementos da natureza começa a ter um cunho retórico.

A partir dessa mudança, o *locus amoenus* passa a ser constituído por detalhes, que podem ser comparados a paraísos terrestres, os espaços são sempre compostos por diversas espécies de plantas e árvores frutíferas que estão sempre em plena produtividade. As fontes de água sempre oferecem o prazer do descanso e as paisagens são compostas basicamente pelos mesmos elementos, porém estes dão ao escritor infinitas possibilidades de construção do ambiente ameno que acolhe as personagens e atenua o estado de espírito delas.

O conceito de *locus horrendus* tem por significado “lugar horrível”, que consiste na descrição de ambientes sombrios, decadentes, amedrontadores, apavorantes, carregados de tristeza, que podem influenciar também sobre o estado de espírito das personagens, deixando-as aterrorizadas.

Temos na composição da obra dois ambientes descritos que estão em posições opostas, que podem representar o estado de espírito das personagens.

Com o advento da peste em Florença temos, na obra, a dissolução e o renascimento da sociedade florentina. Entendemos que essas transformações foram condicionadas pela conjunção de fatores que ocasionaram a onda de doenças e mortes.

E, meio a tanta aflição e miséria da nossa cidade, a veneranda autoridade das leis divinas e humanas estava quase totalmente decaída e extinta porque seus ministros e executores, assim como os outros homens, estavam mortos ou doentes, ou então se encontravam tão carentes de servidores que não conseguiam cumprir função alguma; por esse motivo, era lícito a cada um fazer aquilo que bem entendesse. (BOCCACCIO, 2013, p.29)

No âmbito literário temos esses fatos representados no enredo de *Decameron* (2013), no qual o seu criador utiliza um fato histórico real, como moldura para escrever uma obra que seria o início da narrativa moderna.

Segundo Berriel (2013), Boccaccio em sua obra conseguiu unir diversos gêneros narrativos ou didáticos mais antigos como o *fabliau* medieval, a lenda, o milagre, a

causuística de amor dos tratados e da lírica cortesã e as anedotas florentinas. Em suas novelas, o escritor retrata situações que antes eram representadas por comportamentos fixos e que agora apresenta aspectos comportamentais mais problemáticos como os novos tempos.

Se as narrativas antigas descreviam personagens com características que podiam representar o coletivo, nas narrativas boccaccianas elas possuem peculiaridades singulares e certas ações que, narradas apenas pela tipicidade, nas novelas são fixadas com exatidão de tempo e lugar, o que adquire a importância de um fato único.

Boccaccio não inclui em sua obra efeitos morais ou edificantes como se encontram nos objetivos didáticos do *exemplum*. O autor compõe a obra com fatos unicamente humanos e naturais e rompe com a concepção da providência divina, ou seja, em sua obra os homens são responsáveis pelos próprios atos e consequências causadas por eles para o bem o para o mal. Existe então um objetivo que é o de retratar uma nova forma humana e um novo modo de pensar que representa uma sociedade mercantil e dinâmica.

Esse fato histórico real está relacionado à peste negra. Na obra Boccaccio (2013) a descreve, pormenorizadamente, o que cria para o leitor o *locus horrendus*. O autor descreve o espaço de modo tão fidedigno que o leitor consegue compreender as circunstâncias decadentes em que se encontra a sociedade florentina. É possível perceber o caos em que a sociedade atravessa, pois todas as instituições foram atingidas duramente, o que deixa os cidadãos florentinos à mercê da própria sorte.

Tive, entre outras, a seguinte experiência, coisa vista com meus próprios olhos, como há pouco disse: um dia tendo os farrapos de um pobre homem morto da doença sido jogados na via pública, dois porcos se aproximaram deles e, conforme é seu costume, primeiro os fuçaram e depois os tomaram entre os dentes para sacudi-los; em pouco tempo, como se tivessem tomado veneno, após algumas contorções ambos caíram mortos sobre os trapos que em má hora haviam puxado.(BOCCACCIO.2013, p.28 e 29)

Para que o leitor tivesse uma visão realista do *locus horrendus* instalado na cidade de Florença, o autor descreve a cena citada acima como uma experiência própria para que com ela tenhamos a dimensão da assustadora situação em que se encontra a sociedade, os elementos usados na paisagem são usados de forma que compõem um cenário de horrores, que causa nos que assistem temores e angústias.

Neste momento de supressão da religiosidade e das leis criadas pela sociedade, as pessoas optavam pelo modo que lhes desse a sensação de bom aproveitamento da vida. Alguns se entregavam ao desregramento pela certeza da rápida chegada da morte, outros

conduziram a vida de forma extremamente reservada e acreditavam que dessa forma evitariam a morte nas condições citadas. Na concepção de Boccaccio, os que assim agiam eram inseridos no comportamento animalesco dos cidadãos, em outras palavras, os habitantes em sua maioria se recusavam a se aproximarem dos doentes, mesmo que esses fossem parte de suas próprias famílias.

Havia aqueles que decidiram por um modo de vida intermediário, nem se restringiam excessivamente na alimentação e nem no isolamento, realizavam suas atividades rotineiras aliviando com ervas o terrível odor dos cadáveres que eram deixados nas vias públicas. O narrador do próêmio considera que tinham uma infinita crueldade aqueles que “diziam que contra a peste não havia remédio melhor nem tão bom como fugir”, e acreditando que essa era a melhor forma de sobreviver, abandonavam suas casas e suas famílias, sem nenhuma, compaixão pelos que ali ficavam.

Compreendemos que a peste é um horrível episódio histórico que Boccaccio utilizou como moldura⁴ de sua obra e a constrói com objetividade e racionalidade, retratando, de forma que o leitor entenda, um fenômeno que ocorre devido às más condições da saúde pública. A descrição da desgraça e a certeza de que a morte estaria próxima, não aproxima o narrador e suas personagens do ato de contrição medieval, ou seja, não enxergam a peste com um castigo divino, do qual precisavam ser perdoados, mas passam a conduzir a vida de modo que o plano divino ocupa certo lugar, porém não interfere em sua relação com os acontecimentos puramente humanos.

A fuga da cidade foi uma alternativa escolhida por muitos, e os que a escolheram foram censurados pelo narrador, pois deixaram seus familiares sem apoio. No entanto, percebemos que as personagens também fogem para o campo, mas apesar delas estarem na mesma situação dos outros cidadãos, no discurso de Pampinéia, compreendemos que antes deles fugirem, deixando alguém para trás, primeiramente foram abandonados ou a morte dizimou a família e que não resta outra saída.

A mortandade na cidade era tão extrema que os sacerdotes não conseguiam mais enterrar os mortos com as devidas cerimônias, às vezes no mesmo ataúde eram carregadas várias pessoas da mesma família e jogadas em valas abertas no chão. Os moradores morriam sozinhos e isto era percebido apenas pelo mau cheiro causado pela decomposição dos corpos, e os que assim morriam eram tirados de suas casas para serem colocados à beira da rua para

⁴ As molduras tinham como uma de suas funções a motivação para a narração de histórias com fins didáticos, filosófico e morais.

que as autoridades os recolhessem. Esses acontecimentos se tornaram comuns durante a passagem da peste pela cidade e Boccaccio usa esses elementos para compor o cenário horrendo.

Aqui, por outro lado, se bem percebo, não abandonamos ninguém; aliás, sem fugir da verdade, podemos dizer que abandonadas fomos; porque os nossos, ou por morrerem ou por fugirem da morte, deixaram-nos sozinhas nesta aflição como se não fossemos tão próximas. (BOCCACCIO, 2013, p.35)

No discurso da personagem Pampinéia, percebemos as diversas situações a que a sociedade florentina está condicionada. Com a degeneração sofrida pelas esferas institucionais, os moradores que permaneceram na cidade, se tornaram alvo de pessoas que estavam sob a custódia das autoridades e aproveitavam a insegurança para praticar atos ilícitos e fomentar ainda mais o terror já instalado. Compreendemos com a reflexão de Pampinéia que, com a certeza da morte, a moralidade se desfazia com muita facilidade, esse efeito tornou a estadia na cidade perigosa.

A situação degradante da cidade de Florença, cria um *locus horrendus* que obriga os moradores a buscarem um modo melhor de viver. Temos o relato que os menos abastados morreram em suas casas por causa das dificuldades financeiras, porém os mais ricos iam para fora dos muros florentinos em busca de um lugar melhor. E o grupo de jovens ao se verem abandonados pelo estado, família e igreja, e cercados de situações catastróficas e sob a ameaça constante da morte, concluíram que a única alternativa para sobrevivência seria a saída da cidade em busca de um lugar ameno para viverem com tranquilidade, isto é, a presença de elementos que interferem na zona de conforto faz com o homem busque uma nova forma de viver.

V

Segundo Auerbach (2013), na Idade Média a moldura nas narrativas passou a exercer um papel relevante, as novelas ganhavam um contorno repleto de considerações filosóficas e doutrinas que funcionavam como suplementos ilustrativos, *exemplum*, de outra maneira, as novelas eram usadas para fins didáticos, se criavam histórias para ilustrar acontecimentos que serviriam para ensinar dada doutrina. As novelas se desenvolvem na França e Itália. Na Itália, a moldura perde a função didática e deixa de ser a parte mais importante do texto, doravante,

assume uma nova tarefa e se torna um argumento para a narração de novelas e o modo usado como meio artístico intensifica o efeito da narrativa.

Nas considerações de Auerbach (2013), percebemos que a prática de narrar histórias para a sociedade culta representava um jogo elegante e se tornava muito mais interessante quando os narradores tinham a dimensão da importância dos ouvintes e sabiam envolvê-los de modo fascinante. O escritor de *Decameron*, como já foi dito, usa um fato histórico aterrorizante para preludiar a narração de novelas, todavia, ele modifica o estilo e deixa para trás o antigo objetivo de trazer na estrutura da moldura uma doutrina utilizada para a moralização dos leitores e essas doutrinas compunham as narrativas que antes de *Decameron* pareciam ser trazidas de lugares distantes para provarem acontecimentos simples.

Auerbach (2013) afirma que a moldura de *Decameron* é inovadora e podemos compreender que Boccaccio nela faz com que os acontecimentos reais sejam ligados diretamente aos narradores. Ao observamos o que sobrou da ruína da sociedade florentina, vemos que o grupo de personagens representa claramente que apenas as pessoas cultivadas resistiriam, uma vez que a calamidade conseguiu extinguir os resquícios de preocupação com a educação e a moralidade que eram fatores essenciais para manter qualquer tipo de relação social.

Segundo as considerações de Auerbach (2013), os fatos históricos sociais deram origem a uma nova sociedade, que era constituída por pequenos grupos que observavam a vida de modo particular, se preocupavam bastante com os acontecimentos terrenos e viviam um estilo de vida voltado para o divertimento com atividades culturais, algo que poderíamos relacionar a princípios epicuristas. Boccaccio, ao inserir um grupo de jovens na moldura, representa essa nova sociedade que está baseada nas leis de convívio social e não em explicações filosóficas abstratas.

Segundo Auerbach (2013), a paisagem é primeiramente um recurso estilístico e está subordinada à existência social e que deve ser tratada sem desarmonia com o estado de espírito das personagens. O cenário em que o novo grupo social está inserido na fase inicial de *Decameron* representa claramente as condições que se encontrava a sociedade florentina, pois compreendemos que a Itália passa por momentos de rupturas, e ainda que a peste tenha acontecido realmente, Boccaccio (2013) a usa como moldura literária de uma narrativa de caráter renascentista, o que de acordo com os estudos do Renascimento, demonstra que ela representa a decomposição de uma sociedade já degradada, que necessitava de uma nova organização.

Com a compreensão que nos é dada por Auerbach (2013) de que a paisagem deve estar de acordo com o estado de espírito das personagens percebemos que em *Decameron*, as paisagens representam nitidamente as condições espirituais das personagens, dado que nos discursos dos narradores, percebemos que a ameaça da morte assombra a alma das personagens.

Após explanar os motivos para a fuga, todas as outras personagens concordam com a ideia e preparam a bagagem que se faz necessária para levar. Partem rumo a um novo local, ao chegarem ao lugar pretendido, se deparam com um ambiente totalmente distinto da miséria em que se encontrava Florença. Boccaccio descreve o local como um lugar muito agradável e receptivo, que, aos olhos do leitor, torna-se extraordinário e que entra em total contraste com o ambiente de destruição antes descrito por ele. Podemos comprovar esta afirmação com a seguinte descrição:

O referido lugar ficava numa pequena montanha, um tanto distante das nossas estradas por todos os lados, era coberto por vários arbustos e com verdes frondes, de aspecto muito agradável; no ponto mais alto ficava um palácio com um pátio bonito e espaçoso no meio, galerias, salas e quartos, tudo belíssimo e ornado com pinturas alegres e notáveis, tendo prados ao redor, jardins maravilhosos, poços de água fresquíssimas e adegas cheias de vinhos preciosos. (BOCCACCIO, 2013, p. 38)

O espaço descrito acima é o primeiro cenário que a brigada encontra fora dos muros da cidade, este está localizado na Primeira Jornada. Percebemos que a mudança da paisagem é composta por elementos que contrastam com os usados na configuração do cenário da cidade. Enquanto na paisagem urbana tínhamos casas abandonadas e assombradas pela tristeza da morte, no campo aparece o oposto, há um palácio bonito e espaçoso, decorado com pinturas alegres e notáveis e que ainda possui um jardim esplêndido.

O lugar descrito representa o primeiro *locus amoenus* da narrativa, adornado de detalhes que o tornam agradável ao corpo e ao espírito. Nele, como nos lugares *amoenus* da poesia bucólica, estão presentes elementos relacionados à natureza, como poços de águas frescas, plantas de várias espécies, como arbustos, prados, oliveiras, loureiros e a relva, que são descritos na composição da poesia pastoril.

E, ao se sentarem assim que chegaram, disse Dioneu, que mais que qualquer outro era encantado e cheio de argúcia : - Foi a sensatez das senhoras, mais que nossa astúcia, que nos trouxe aqui. Não sei o que pretendem fazer de seus cuidados; os meus eu deixei atrás das portas da cidade quando a pouco

saí de lá ; por isso, ou se dispõem a divertir-se, rir e cantar comigo (quero dizer, tanto quanto convier à dignidade das senhoras) ou me dão permissão para voltar ao meus cuidados e ficar na cidade atribulada.(BOCCACCIO. 2013, p.38)

Podemos comprovar com as palavras do jovem Dioneu que o primeiro lugar escolhido pelo grupo proporciona tranquilidade e que os cuidados que eles tomavam na cidade já não se faziam tão necessários visto que o espaço devia ser usado de forma digna e prazerosa.

O *locus amoenus* da poesia pastoril era basicamente uma nesga da natureza com fontes de água e uma sombra sob a qual as pessoas conversavam, escreviam e meditavam. Nesses lugares amoenus não tínhamos elementos urbanos. Compreendemos que Boccaccio (2013) elabora um *locus amoenus* com os elementos pertencentes ao bucolismo, no entanto, agrega a ele pontos que nos dão a noção da criação do bucolismo social, isto é, se antes o *locus amoenus* era apenas uma nesga da natureza, no *Decameron*, Boccaccio preenche um cenário rural com comportamentos de uma sociedade urbana.

Segundo as palavras de Auerbach (2013), no *Decameron*, a paisagem é tratada sem qualquer desarmonia; submete-se com docilidade às exigências de pessoas cultivadas, que ocupam seus olhos de forma prazerosa e desejam revigorar seus corpos. Percebemos esta noção funcionando na obra no decorrer da configuração da paisagem como vemos na citação acima em que a paisagem disponibiliza todos os elementos necessários para a honesta brigada. Ao observarmos a estrutura do cenário percebemos que ele é constituído por elementos que remetem às cortes, há um palácio ornamentado com jardins, galerias, quartos e salas decoradas com pinturas alegres e uma adega com vinhos finos. Este lugar proporciona tranquilidade espiritual, ao contrário da cidade de Florença, que se encontra em decadência; então, esta é muito além de física, é moral e religiosa. Com o decorrer da leitura da obra percebemos que o estado espiritual passa por uma transformação que está intrinsecamente relacionada com mudança ocorrida no espaço.

Dioneu, são acertadas tuas palavras: convém viver festivamente, e não foi outra razão que nos fez fugir das tristezas. Mas visto que as coisas desregradas não podem durar muito , eu, que fui iniciadora das conversações que resultaram nesta linda companhia, pensando na continuação de nossa alegria, considero necessário escolhermos entre nós alguém que seja principal que respeitemos e obedeçamos como mandante, cujo único pensamento seja dispor-nos a viver com alegria (Boccaccio, 2013, p. 38)

É neste primeiro lugar de estadia que eles estabelecem as regras de convivência e modo de vida, optam que pelo tempo que estiverem fora da cidade a vida do grupo será regada de festas e atividades culturais. Designam aos criados as tarefas que competem a cada um deles. É ainda neste momento que decidem que o grupo deverá ter um líder e elegem Pampinéia como a primeira. Percebemos hipoteticamente a representação da constituição de uma nova sociedade, na qual, seu representante é escolhido pela sua capacidade.

O início da terceira jornada é marcado pela mudança da paisagem e do espaço, nesta a rainha Neifile ordena que os criados sigam para um novo local:

A rainha , pois, com passo lento, acompanhada e seguida pelas suas damas e pelos três rapazes, guiados pelos trinar de uns vinte rouxinóis e outras aves, tomou o rumo do ocidente por uma viela não muito palmilhada, mas cheia de relva verde e de flores que com o surgimento do sol começavam a abrir-se ;e, falando e gracejando e rindo com o seu grupo, não tinha andado mais de dois mil passo quando, bem antes de meia terça, conduziu-os a um bellissimo e rico palácio, que ficava um tanto elevado em relação ao plano num outeiro. (BOCCACCIO, 2013, p.167)

O espaço representado acima se refere ao segundo local que o grupo fica hospedado, o lugar é descrito em detalhes, o autor adorna o espaço com diversos elementos que o caracterizam como ameno, o primeiro deles é o caminho que eles percorrem e encontram outro palácio que parece que fora feito para recebê-los, este segue os mesmos padrões do anterior, com quartos, salas e cozinhas, espaços ornados e repletos de todo o conforto. Ao adentrar no palácio os jovens se depararam com um porão cheio de vinhos finíssimos, um pátio amplo e alegre e uma fonte de água fresquíssima, este ambiente está cheio de diferentes tipos de flores.

Nos jardins do palácio, as personagens se deparam com várias alamedas cobertas de parreiras floridas que recendiam um maravilhoso aroma que se misturava com as outras essências das plantas que compunham o ambiente. Neste local, temos a presença diversificada de espécies como os jasmineiros, uma planta muito antiga, as roseiras brancas e vermelhas que possuem perfumes singulares, que exalavam durante o dia, o que torna o ambiente ameno e agradável, contrastando com os elementos do *locus horrendus*, em que era necessário sair às ruas com ervas para aliviar o odor dos cadáveres em vias públicas.

Se no caos de Florença a sociedade se sentia incomodada ao andar pela cidade por causa do cenário de degradação, neste novo ambiente a honesta brigada pode se movimentar por toda a parte debaixo de sombra perfumada e agradável. O jardim ainda era ornado com

árvores frutíferas que ofereciam belas sombras e deliciosos bálsamos ao olfato do grupo, no meio de um prado coberto por flores existia uma fonte de mármore branco que jorrava água fresca e abundante, que por caminhos ocultos, direcionavam para a saída do jardim e movimentavam dois moinhos que eram de grande utilidade para o proprietário do palácio.

Os ouvidos do grupo ainda eram presenteados pelos cantos dos pássaros e no decorrer da caminhada do grupo, uma variedade de animais apareciam.

[...] surpreendidos que estavam pelas outras coisas: estava o jardim cheio de uma variedades de belos animais, e, mostrando os uns aos outros, viram de um lado aparecerem coelhos, de outros correrem lebres, daqui surgirem corsas, ali enhos pastando, e havia, além desses, mais outros vários tipos de animais inofensivos, todos á vontade, quase domésticados, a divertir-se; essas coisas somaram ainda maior prazer a todos os outros que havia. (BOCCACCIO, 2013, p.168)

Percebemos a diversidade de seres vivos na citação acima, a harmonia presente nas paisagens ideais criadas pelo autor submete às docilidades e às exigências das pessoas que nelas são inseridas. As personagens são pessoas cultivadas que comparam o jardim a um paraíso terrestre.

Os locais em que o autor instala seus personagens durante a fuga, obedecem aos contornos das cortes para as quais vinham pessoas de toda parte da Itália para participarem de encontros e discussões sobre assuntos em comum. No *Decameron* (2013), este ambiente cortesão é levado para o campo e adornado com elementos naturais, o que torna o clima ameno e propicia à honesta brigada um clima ideal para a narração de novelas.

O momento em que os narradores passam fora da cidade pode representar o nascimento de um novo mundo, uma nova sociedade, que tem o homem e suas questões como centro e origem de todos os acontecimentos.

VI – Conclusão

No *locus amoenus* construído por Boccaccio, percebemos a configuração do espaço com elementos campestres, espaço este ocupado por personagens que carregam consigo a nobreza e as características urbanas, associadas à segurança e amenidade trazidas pelo contato com a natureza.

Constatamos ainda a mudança no estado de espírito do grupo, que antes era atormentado pela desgraça e pela falta de expectativa de melhora e, após a decisão de

A relação entre a paisagem ideal e a representação social no *Decameron* de Boccaccio

mudança para outro local onde não existe ameaça de morte, vivem o alívio quando chegam ao lugar pretendido e a primeira ordem é que não sejam trazidas lembranças nem notícias da cidade em ruínas.

Compreendemos durante a análise que o autor busca um contraste entre os ambientes, visto que ele cria na narrativa dois tipos de *locus amoenus* plásticos que existem em função da configuração de um *locus horrendus* real e histórico.

Segundo Auerbach (2013), a paisagem amena do *Decameron* submete-se com docilidade às exigências de pessoas cultivadas que ocupam seus olhos de forma prazerosa e desejam revigorar seus corpos. As mudanças na composição da paisagem começam com Dante, que criou um grande número de paisagens, incluindo nelas pessoas e espíritos sustentados pelo sobrenatural.

Na obra de Boccaccio, o efeito mágico é dispensado, pois ele prefere trabalhar com elementos reais e com temas do cotidiano, indicando que o “conhecimento de que estado de espírito, acontecimento e paisagem precisam estar em concordância. Por isso limita-se a duas imagens: a cidade pestilenta e o idílio na casa de campo” (Auerbach, 2013,p.27).

Referências bibliográficas

AUERBACH, Erich. **A novela no início do renascimento: Itália e França.** São Paulo: Cosac Naify, 2013.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOCCACCIO, Giovanni. **Decameron.** Porto Alegre: L±, 2013. 632 p. Tradução de: Ivone C. Benedetti.

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália: Um ensaio.** São Paulo: Companhia da Letras, 1991. Sérgio Tellaroli.

CASTIGLIONE, Baldassare. **O cortesão.** São Paulo: Martins Fontes, 1997. Carlos Nilson Moulin Louzada.

CAVALLARI, Doris Nália. A última coroa: Boccaccio e a gênese da narrativa moderna. **Morus - Utopia e Renascimento**, São Paulo, v. 9, n. 9, p.13-20, ago. 2013. Disponível em: <<http://www.revistamorus.com.br>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

Gleiciane Machado Bispo

CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. Tradução de: Teodoro Cabral e Paulo Ronai.

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. 1.ed São Paulo: Ática, 1985.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática, 2002. (Princípios).

GREENBLATT, Stephen. **A Virada: O nascimento do mundo moderno**. São Paulo: Companhia da Letras, 2012. Tradução de: Caetano W. Galindo.

HEISE, Pedro Falleiros. Boccaccio e Poesia. **Morus - Utopia e Renascimento**, São Paulo, v. 8, p.63-68, ago. 2013.

SARAIVA, Antonio José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 17. ed. São Paulo: Porto Editora, 1996.